

# A partilha de informação entre os diferentes níveis de redes e movimentos sociais internacionais a partir de dois estudos de caso

*Sharing of information between different levels of transnational networks and social movements*

**Judite Marieta Canha Fernandes**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

[fernandes.judite@gmail.com](mailto:fernandes.judite@gmail.com)

## Resumo

Esta comunicação pretende partilhar alguns aspectos da análise aos eixos críticos detectados no modelo para a gestão de informação construído a partir do estudo de dois casos de redes internacionais: A Iniciativa Comunitária EQUAL e a Marcha Mundial das Mulheres. A construção deste modelo decorre do projecto de doutoramento “Redes e movimentos sociais sob o ponto de vista do objecto social informação”, que está ser desenvolvido pela autora no programa doutoral em Ciências da Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Os eixos críticos detectados para ambos os casos foram os seguintes:

- Condicionantes económicas e de género;
- Literacia/In(ex)clusão digital;
- Aceder aos media/Promover a discussão política pública;
- Transição entre fases de latência de acção e entre distância e presença;
- Validação colectiva de informação à distância e em presença;
- Partilha de informação entre os diferentes

## Abstract

*This article debates the strategic axis of a theoretical model for managing information in transnational networks and social movements, through analysis of two study cases: The World March of Women and the European Program EQUAL.*

*The framing of the model was developed through a PhD project “European and International Networks and Social Movements under the scope of the social object information: The World March of Women and the Equal Initiative”, which is being develop at Faculty of Oporto, Portugal. The project combines information theory with feminist and social movements theory and aims contributing to a theoretical and practical model for information management in collective action transnational networks.*

*The strategic axis identified were:*

- *Economic and gender constraints;*
- *Literacy/Digital in(ex)clusion;*
- *Collective validation/Discussion;*
- *Tension/Transition between levels and between distance and presence;*
- *Translation/Interpretation/Sharing inside the network;*

- níveis da rede; Interpretação e tradução;
- Memória, representação e organização da informação;

- *Media/Promote political/public discussion;*
- *Memory, representation and organization of information;*

Neste artigo aprofundaremos a comparação entre os dois casos em termos de partilha de informação entre os diferentes níveis desta rede.

*In this article we deepen the comparison between the two study cases, specially in terms of sharing of information between the different levels of the networks.*

O desenho metodológico utilizou para a análise comparativa dos casos técnicas de cariz quantitativo, como a aplicação de questionários, com outras de cariz qualitativo, como as entrevistas aprofundadas e a observação participante. Um dos casos configura o que denominamos de rede comunicativamente conseguida e o outro de rede normativamente assegurada quando considerados em termos da sua dinâmica orgânico-funcional. Essa característica é determinante para a configuração da partilha de informação entre os diferentes níveis da rede.

*The methodological design combines comparative study cases analysis with tetra-polar and participative action research.*

**Palavras-chave:** Partilha de Informação; Redes e Movimentos Sociais internacionais.

**Keywords:** *Information Sharing; International Networks and Social Movements.*

## 1. Capítulo

Seleccionaram-se duas populações como fontes privilegiadas de informação, estudos de caso neste projecto: a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e o Programa de Iniciativa Comunitária EQUAL (PIC EQUAL).

A Marcha Mundial das Mulheres surgiu em 1995, a partir de uma iniciativa canadiana, a “Marcha do Pão e das Rosas”, e foi-se desenvolvendo, progressivamente, num movimento social suportado na internet como ferramenta de comunicação e organização (TAVARES, 2004: 6). Hoje já mobilizou um número bastante significativo embora difícil de contabilizar, de pessoas e de grupos, envolvendo organizações de 163 países contra a pobreza e a violência. Discutem e definem

estratégias, produzem documentos reivindicativos, planeiam e desenvolvem acções em comum, numa estrutura com uma orgânica muito flexível, que inclui um Comité Internacional, um Secretariado Internacional e diversas plataformas nacionais e regionais, autónomas no funcionamento político e nas acções.

O segundo, Programa emanado da Comissão Europeia e financiado pelo Fundo Social Europeu, decorreu entre 2002 e 2008 no âmbito do II Quadro Comunitário de Apoio, englobou cerca de 3300 projectos desenvolvidos em 27 países, cada um deles promovido por uma parceria de organizações denominada Parceria de Desenvolvimento, com impactos directos sobre mais de 13 mil pessoas, no espaço europeu, beneficiárias dos mesmos. O EQUAL teve como áreas de intervenção a empregabilidade, o espírito empresarial, a adaptabilidade, a igualdade de oportunidades para as mulheres e os homens e os requerentes de asilo. Afirma ter como missão *promover um melhor modelo para a vida laboral através da luta contra as discriminações baseadas no género, origem étnica ou racial, religião ou crença, deficiência, idade ou orientação sexual* (EQUAL Home).

Estes casos são investigados sob o ponto de vista do fenómeno social informação, entendido como um segmento do objecto da Ciência da Informação, assumindo desde logo duas referências teóricas de base:

***Informação** como conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc) comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada* (SILVA, 2002: 150-151)

e ***Ciência da Informação** como a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da*

*informação para a optimização do seu acesso e uso* (BORKO, 1968), assumida como um campo do saber uno e transdisciplinar, inscrito na área das Ciências Sociais e Humanas.

Para a análise destes casos do ponto de vista da informação, aceitamos como princípio que as redes, no contexto do actual paradigma tecnológico - que *fornece uma base material capaz de permitir a sua expansão por toda a estrutura social* (CASTELLS, 2005) - são um formato organizacional ainda na infância do seu desenvolvimento e em processo acentuado de crescimento. Além desse esboçar de uma “nova” categoria organizacional ser bastante motivador em termos de pesquisa, o que nos interessa também é a sua utilização enquanto ferramenta conceptual, por nos permitir alterar o ângulo de análise das “categorias” às “relações” (PORTUGAL, 2007: 7), especialmente importante sendo nosso objecto o fenómeno social informação e logo o processo infocomunicacional, centrado exactamente nas relações entre pessoas ou organizações.

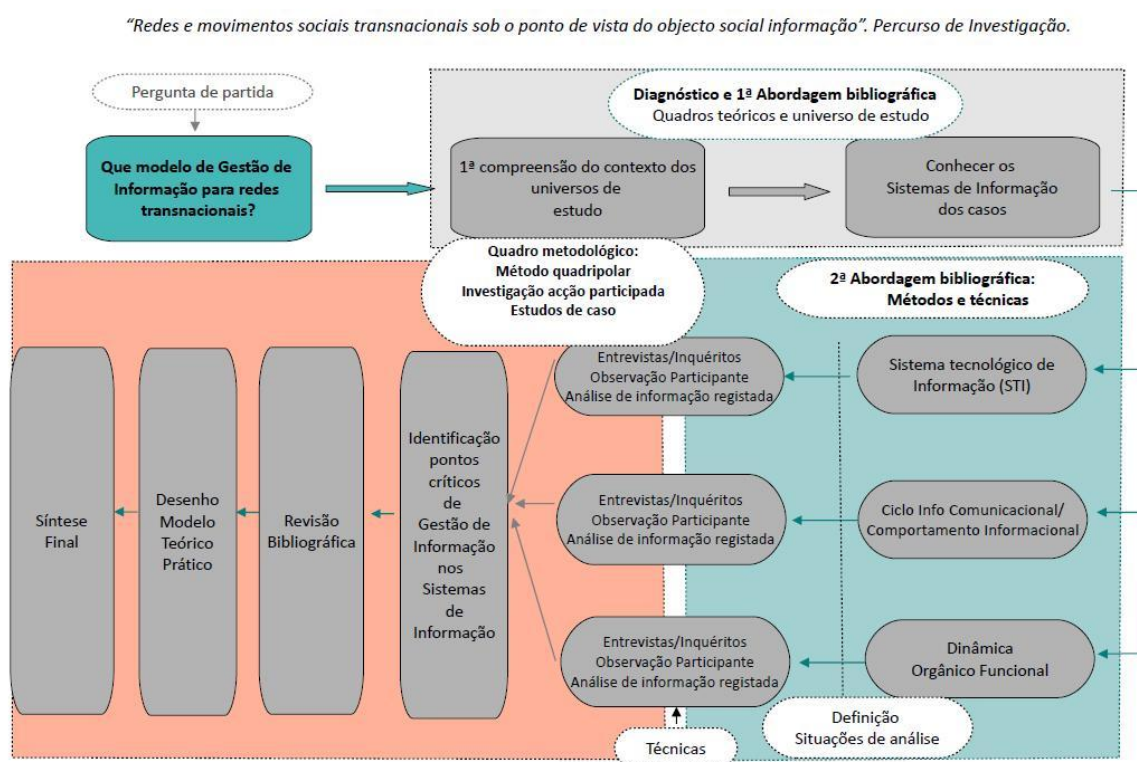
Importa ter presente também algumas dimensões específicas destas redes: são redes de acção colectiva emergentes da sociedade civil – um movimento social e um conjunto de parcerias de desenvolvimento inseridas numa Iniciativa Comunitária - e são transnacionais, com âmbito mundial no caso da marcha e europeu no caso EQUAL. Para fins de análise foram decompostos três níveis de análise das mesmas: nível macro, meso e micro.

A observação dos sistemas de informação subjacentes a estas redes foi feita procurando compreender a sua dinâmica orgânico funcional, os sistemas tecnológicos de informação a elas associados. Foi também feita uma análise detalhada do comportamento informacional geral em ambos os casos.

Pretendeu-se, como resultado final deste projecto, contribuir para um modelo teórico de gestão de informação em redes de acção colectiva. Tal modelo, construído a partir de uma visão integral da informação e dos sistemas de informação dos casos, inclui propostas no sentido do desenvolvimento dos processos e das práticas informacionais das pessoas e organizações que neles trabalhem, procurando responder aos pontos críticos detectados para a gestão de

informação em todas as fases do ciclo informacional (recolha, representação, armazenamento, organização, utilização, recuperação, partilha e difusão). Os dados necessários à construção deste modelo decorrem deste projecto e da metodologia por ele utilizada, cujo percurso está sintetizado na figura a seguir:

**Diagrama 1. Síntese do percurso de investigação (Elaboração própria)**



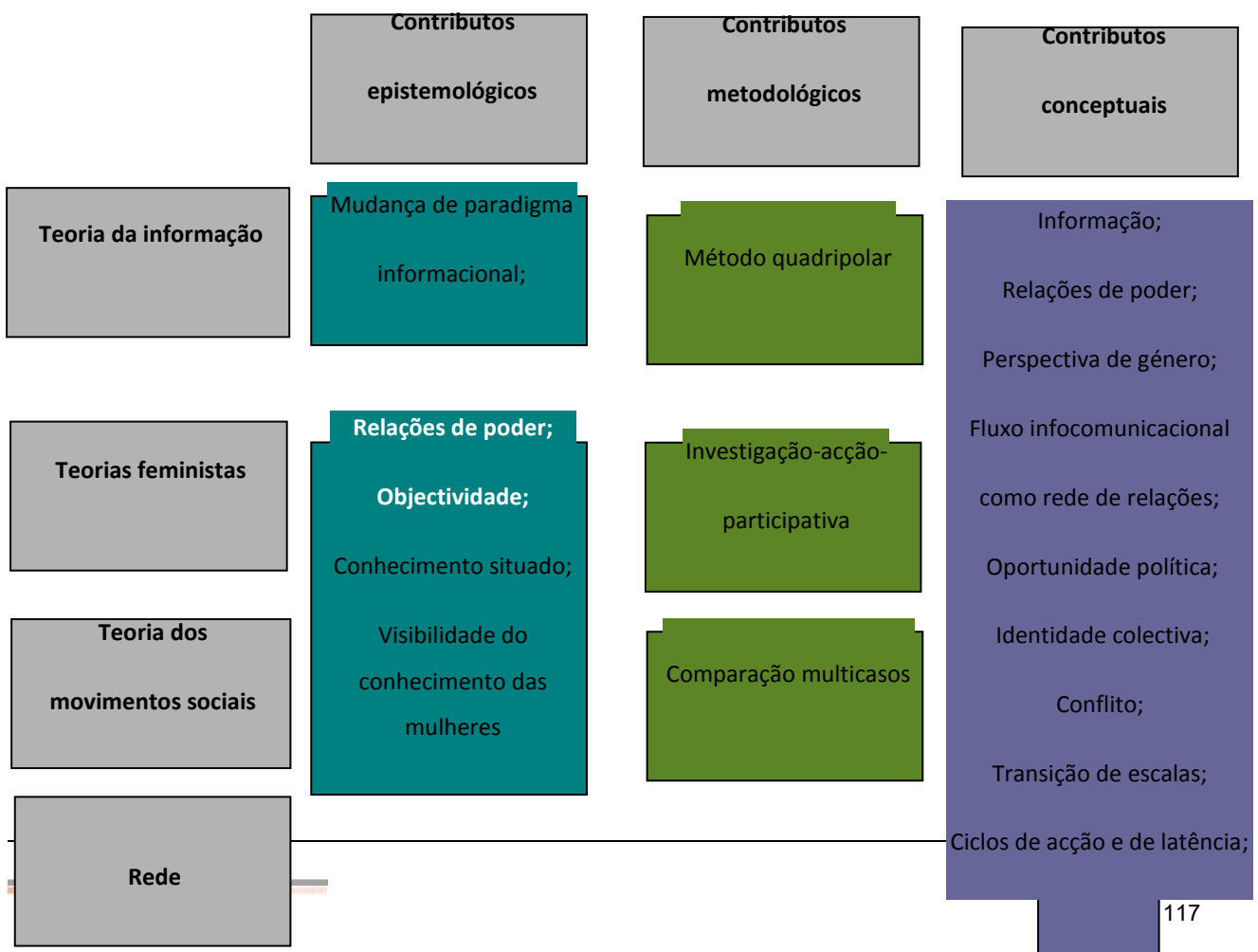
## 2. Contributos para um modelo teórico de gestão de informação em redes de acção colectiva transnacionais

Uma análise cabal à informação - ou à gestão desta - tem de englobar uma miríade de questões dada a sua transversalidade enquanto fenómeno social. Um modelo para a sua gestão, que é o que aqui se ambiciona, tem por isso de reflectir sobre uma grande diversidade de aspectos do

mundo e, em simultâneo, poder ser operacional, compreensível e prático. Por tudo isto, não foi fácil, nem é exacto ou suficiente, o que consideramos serem os eixos críticos que alicerçam o esqueleto de onde emerge o corpo do modelo que aqui se propõe. Deseja-se que posterior investigação e prática possam-no desenvolver. Por outro lado, o contrário, não o tentar fazer, significa não tentar contribuir para a construção de ferramentas que nos permitam gerir colectivamente informação neste mundo complexo em que vivemos, uma desistência que, cada vez mais, se assemelha a não tentar acompanhar e transformar este mesmo mundo.

O modelo é construído a partir do desenho de pesquisa que já tivemos oportunidade de descrever. Consideramos que os quadros teóricos e as ferramentas conceptuais aí utilizados são pertinentes para a construção de um modelo de gestão de informação em redes de acção colectiva, especialmente porque proporcionaram os seguintes contributos:

**Diagrama 2. Contributos para o modelo de gestão de informação em redes de acção colectiva provenientes dos quadros teóricos (elaboração própria)**



Esses contributos revelaram-se fundamentais. Ou seja, consideramos que para um modelo de gestão de informação em redes de acção colectiva que permita o seu diagnóstico, análise e intervenção é necessária a articulação da teoria da informação com outras propostas, como as emergentes das teorias feministas<sup>1</sup> - que propõem a análise sistemática de todas as relações de poder e por isso apontam a importância da análise das relações entre poder e o fenómeno infocomunicacional, a visibilidade das experiências de mulheres e a utilização de metodologias participativas que usem princípios de justiça cognitiva -, das teorias dos movimentos sociais – que permitem a integração de ferramentas conceptuais importantes para a análise da acção colectiva como a oportunidade política, o papel dos processos identitários, etc. –, e das redes – que providenciam a análise dos universos como uma rede de relações infocomunicacionais. O quadro metodológico, por outro lado, deve assegurar o cruzamento de diversas fontes de dados de forma a obter a replicação suficiente à identificação dos eixos críticos dos sistemas em causa, que constroem o esqueleto de análise para o modelo. A análise orgânico- funcional propicia a visão do modo de funcionamento da rede de acção colectiva em causa, o sistema tecnológico a estrutura onde o fluxo de informação se suporta, o ciclo infocomunicacional e o comportamento informacional em cada fase do ciclo a base geral onde se sustenta o desenvolvimento do sistema de informação como um todo.

Esta proposta de modelo é inspirada na concepção sociológica do mesmo, que

*consiste em substituir a complexidade de um sistema social por um sistema simplificado (modelo) que reproduziria o essencial do precedente e seria susceptível de tratamento quantitativo (...) É um meio capaz de proporcionar a agregação sistemática dos factos para os reorganizar de maneira significativa; é um método que tem por objectivo reunir os dados empíricos de maneira a orientá-los de acordo com as hipóteses conceptuais de trabalho (BIROU, 1982: 262-263).*

---

<sup>1</sup> Outra possibilidade é a utilização de outras teorias sociais críticas. A vantagem das teorias feministas que aqui assinalamos é a visibilidade das experiências das mulheres, a análise sistemática das relações de poder, entre as já referidas anteriormente.

Pretende-se aqui a articulação desta visão eminentemente social com as dimensões específicas do fenómeno infocomunicacional enquanto fenómeno social complexo integrado no todo social, mas com dimensões específicas. Tendo em conta esta proposta, o que se fez foi substituir a complexidade dos sistemas sociais pela representação dos sistemas de informação dos dois casos, que permite conhecê-los em profundidade, e a partir dessa compreensão identificar os eixos críticos que atravessam estes sistemas de informação para poder então extrair propostas de intervenção. Estes eixos críticos são identificados a partir da seguinte cumulação de factores: serem problemáticas que têm efeitos sobre todas as fases do ciclo de informação, do sistema tecnológico de informação e relação directa com a dinâmica orgânico-funcional – ou seja, com todas as dimensões do Sistema de Informação. Dado neste projecto se fazer uma análise comparativa entre dois casos, são identificados como críticos aqueles que ocorrem em ambos os casos. A partir destes propomo-nos a discutir as suas potencialidades e fragilidades e progredir nesta análise.

O Modelo Sistémico de Informação Activa e Permanente (SIAP), tendo presente a referida base conceptual de modelo antes referida,

*é composto por vários Módulos, que correspondem a duas fases distintas: a do diagnóstico/análise e explicação, essencialmente descritiva e «radiográfica», na medida em que põe em relevo características e problemas vários de um caso concreto em estudo; e a interventiva, que apresenta soluções de curto, médio e longo prazo com um plano de optimização de resultados positivos bem definido. (SILVA, 2006: 155).*

É para tentar resolver este desiderato – diagnóstico, explicação e intervenção - que propomos serem esqueleto deste modelo os eixos críticos identificados, precisamente porque pela cumulação acima referida, permitem a síntese necessária para abarcar esta grande amplitude analítica, sem perder de vista a intervenção. O foco são os problemas detectados nos mesmos, ou seja é uma análise centrada nos problemas, de acordo com a lógica metodológica da investigação acção participada. De facto, apesar deste ser um



projecto de investigação eminentemente exploratório<sup>2</sup>, o desenho de pesquisa e os dados recolhidos permitiram não apenas a identificação dos referidos eixos críticos, como o desenho de algumas propostas teórico práticas relativas aos mesmos.

A síntese dos eixos críticos dos sistemas de informação da Marcha Mundial das Mulheres e do Programa de Iniciativa Comunitária EQUAL encontram-se identificados na tabela a seguir:

**Quadro 1. Eixos críticos dos sistemas de informação dos casos  
(elaboração própria)**

| Eixos críticos do(s) Sistema(s) de Informação   |   |
|---|---|
| Caso MMM. Rede comunicativamente conseguida   | Caso EQUAL.<br>Rede normativamente assegurada   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Condicionantes económicas e de género;</li> <li>• Literacia/In(ex)clusão digital;</li> <li>• Aceder aos media/Promover a discussão política pública;</li> <li>• Transição entre fases de latência de acção e entre distância e presença;</li> <li>• Validação colectiva de informação à distância e em presença;</li> <li>• Partilha de informação entre os diferentes níveis da rede; Interpretação e tradução;</li> <li>• Memória, representação e organização da informação;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Condicionantes económicas e de género;</li> <li>• Literacia/In(ex)clusão digital;</li> <li>• Aceder aos media/Promover a discussão política pública;</li> <li>• Transição entre fases de latência de acção e entre distância e presença;</li> <li>• Validação colectiva de informação à distância e em presença;</li> <li>• Partilha de informação entre os diferentes níveis da rede; Interpretação e tradução;</li> <li>• Memória, representação e organização da informação;</li> </ul> |

Ricardo Wilson Grau e Martha Nunez (2006), na análise que desenvolvem às redes de acção colectiva transnacionais (a que denominam redes internacionais de mudança social), apontam a comunicação como crucial para o sucesso ou falhanço de uma rede, apontando

<sup>2</sup> Tendo em conta a reduzida produção teórica relativa quer à análise da gestão de informação em redes transnacionais, e por tal carecer-se de dados comparativos, menos ainda nos contextos quer dos movimentos sociais quer dos projectos europeus associado ao facto deste ser um contexto demasiado recente e mutante para que se possa fazer uma análise não exploratória neste momento,

que esta tem funções não apenas de troca de informação, como de gestão e de organização. Identificam também um conjunto de qualidades (democracia, diversidade, dinamismo e performance) e três séries de dimensões operacionais que contêm os principais componentes de uma rede deste tipo: Objectivos e estratégias políticas; Organização e gestão; Liderança e participação, colocando a comunicação como aspecto charneira que percorre estas três dimensões. Neste projecto não se analisa apenas a comunicação – ou a partilha de informação –, mas todas as fases do ciclo e comportamento infocomunicacionais, ou seja, também os aspectos relativos à criação, organização, recuperação, armazenamento e validação colectiva da informação que circula ou se produz na rede. Não é surpreendente, no entanto, verificar como os eixos críticos referidos acima têm relação directa com todas as dimensões operacionais identificadas pelos autores e com o conjunto de qualidades que referem ser fundamentais ao seu funcionamento.

Passaremos agora a uma discussão aprofundada destes eixos. Esta discussão far-se-á através da descrição da forma como estes afectam os SI de cada um dos casos, a sua relação com as dimensões analisadas dos sistemas, procurando contextualizá-los de forma cruzada com os aspectos relativos às estruturas e relações de poder subjacentes aos mesmos, nossa posição e reflexividade pessoal face à vivência dessas problemáticas e a discussão que emergiu colectivamente dos sujeitos de estudo quando tal ocorreu. Em primeiro lugar discutir-se-ão os aspectos comunicativamente conseguidos e normativamente assegurados das redes. Depois, será analisado um dos eixos considerados estruturantes e que afectam igualmente todas as fases do ciclo de informação – Partilha de informação entre os diferentes níveis da rede:

### **3. Redes comunicativamente conseguidas e normativamente asseguradas**

Estes casos permitem ilustrar aspectos interessantes da relação entre informação e poder, sobre como essa relação se expressa no concreto em várias fases do ciclo de informação, e sobre a forma como esta relação está estruturada desigualmente no mundo, tanto no ponto

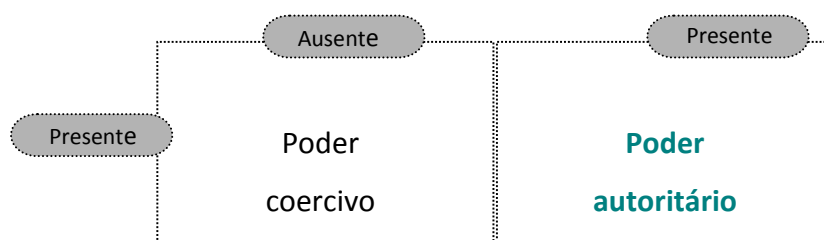
de vista de quem a detém, como no modo como a informação é hierarquizada social, cultural ou economicamente. Além disso, mostram como a informação está relacionada com participação política, fazer ouvir a nossa voz, compreender aquilo que nos rodeia, sobrevivência, interesses económicos poderosos, ou a vida de todos os dias. De facto, nas relações humanas, a informação tudo articula. O não acesso a ela, tudo pode inibir na vida colectiva. De formas diversas, em diversos lugares ou posições sociais.

Neste projecto procurou-se desenvolver uma análise sistemática entre poder e informação. Não sendo possível abarcar a totalidade de uma análise deste tipo, centra-mo-nos sobre as dimensões desta relação que afectam especialmente os sistemas de informação dos casos. Uma delas – essencial no desenvolvimento dos sistemas de informação dos casos - é aquela relativa às relações de poder no interior das próprias redes, traduzida a partir da análise à sua dinâmica orgânico-funcional, que passamos agora a desenvolver. Esta relação é determinante para os processos infocomunicacionais e no todo dos sistemas de informação, e por tal potencialmente organizadoras da análise dos mesmos e do modelo dele derivado. Para compreender como se caracterizam estas dinâmicas, utilizaremos as duas ferramentas conceptuais que foram utilizadas para a análise das relações de poder nos casos.

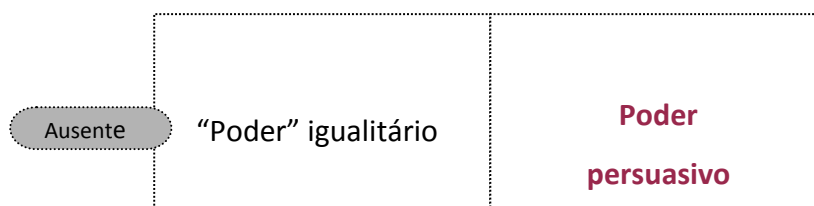
Começando pela proposta de Kopke, tendo presente que, como bem defendido por Fraser, não existem contextos onde não exista nenhuma forma de poder, o que existe são prevalências de uma sobre a outra, relações de grau (FRASER, 2003). Em ambas as redes existem de facto relações de poder e prevalências de alguma forma de poder sobre outras. A análise destas a partir desta proposta evidencia a existência dos seguintes tipos de poder:

**Diagrama 3. Tipos de poder existentes na rede MMM (a bourdeaux) e na rede EQUAL (a azul). A partir de Knopke, ...**

## INFLUÊNCIA



## DOMINAÇÃO

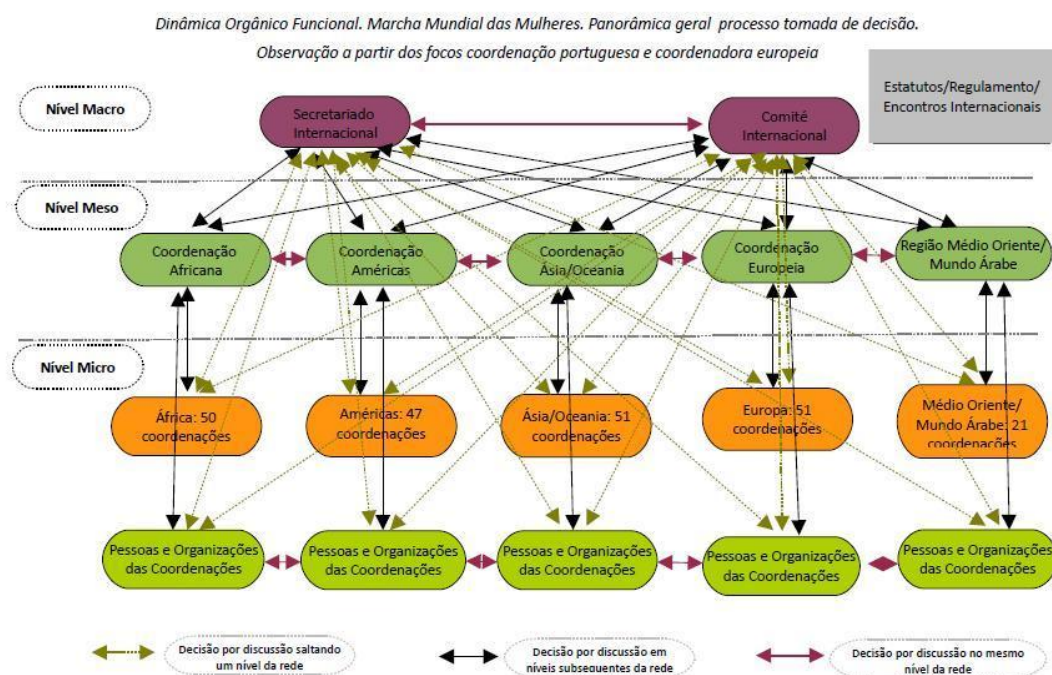


O "poder" igualitário está ali assinalado entre aspas exactamente porque existe apenas enquanto hipótese teórica. A não ser que não hajam processos de comunicação nos universos em análise, há sempre algum tipo de poder à luz desta proposta conceptual, pois onde há comunicação há algum tipo de influência<sup>3</sup>. O que pode estar ou não presente é uma relação de dominação.

<sup>3</sup> O autor define *dominação* como uma relação em que um actor controla o comportamento de outro actor oferecendo ou negando algum benefício ou dano e *influência* como aquilo que ocorre quando um actor/actriz transmite intencionalmente informação a outro que altera acções do último sobre o que teria ocorrido sem aquela informação

Observemos a panorâmica geral da dinâmica orgânico-funcional do caso MMM:

**Diagrama 4. Dinâmica orgânico-funcional do caso MMM**  
(elaboração própria)



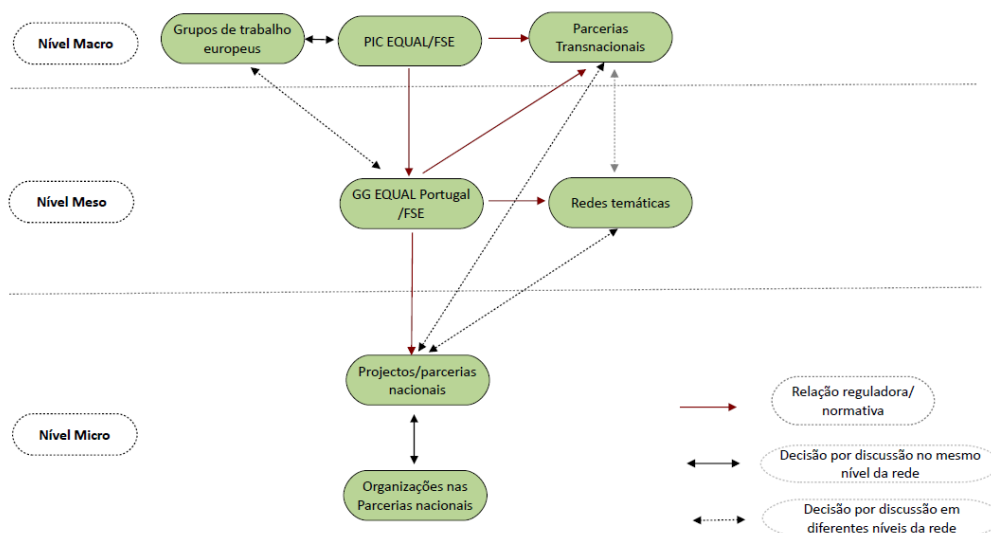
Como se pode observar pelo acima representado, no caso MMM existe poder persuasivo, pois há influência sem haver dominação. Tal foi observado a partir da transversalidade do processo partilhado de decisão em todos os níveis da rede – formas de comunicação e influência por excelência - e como o ênfase na convergência molda a dinâmica orgânico funcional, o sistema tecnológico de informação e o ciclo infocomunicacional. Por outro lado, observe-se a orgânica da rede e o órgão com poder de decisão e regulamentar, a Assembleia Internacional, que engloba todos os níveis da rede com processos igualitários de participação e de decisão. O Secretariado Internacional, órgão executivo, depende em termos de decisões do Comité Internacional, cujas delegadas são eleitas por cada região,

com igual poder explícito nessa tomada de decisão. Finalmente, observou-se como as Coordenações nacionais têm de facto uma elevada autonomia na prática.

Observe-se agora a panorâmica geral da dinâmica orgânico-funcional do caso EQUAL:

### **Diagrama 5. Dinâmica orgânico-funcional do caso MMM (elaboração própria)**

*Dinâmica Orgânico Funcional. PIC EQUAL. Panorâmica geral do processo de tomada de decisão.  
(Observação a partir dos focos Mudança de Maré e amostra portuguesa de projectos na área da igualdade)*



No caso EQUAL existe poder autoritário, pois a influência e a dominação estão ambas presentes. A dominação no PIC EQUAL foi observada através do poder regulamentador do nível macro da rede e das obrigações que este impõe ao nível micro da rede, sob pena dos projectos verem o seu financiamento ou continuidade limitadas. A própria “existência” de cada projecto está sujeita à aprovação dos níveis meso e macro. A influência não se exerce através de um processo partilhado de decisão - ou de discussão - entre os três níveis da rede, mas sim através dos conceitos que o EQUAL define e propõe aos projectos implementarem na sua dinâmica de acção. Existem também outras dinâmicas de influência entre o nível meso e micro, fruto dos processos de diálogo que existem entre estes dois

níveis. Existem ainda outros tipos de influência no interior do nível micro das redes. Existiram parcerias cuja relação de poder esteve mais próxima do poder persuasivo do que do autoritário, e onde ocorreram dinâmicas de decisão partilhada. Isso teria sido determinante numa análise a estas redes que se concentrasse apenas no nível micro das redes, e esse não é o caso aqui. No entanto, é importante ter presente a existência de dinâmicas de influência significativas no interior da rede, mesmo que circunscritas a um dos níveis.

Por outro lado, na linha tri-dimensional proposta por Foucault, analisando a dimensão discursiva, institucional e prática do exercício de poder, detectam-se também diferenças nos dois casos em termos de relações de poder: se nas redes EQUAL o discurso é produzido pela Comissão, que tem inclusive a preocupação de criar um glossário de termos a dizer bem claro o que é o quê - de que é uma boa ilustração as referências feitas por algumas das pessoas entrevistadas do “equalês” como uma língua a que se tiveram de habituar para poder desenvolver os projectos - este discurso não é produzido pela rede como um todo, é de facto um “discurso importado” do nível macro para o micro, ou seja, é produzido institucionalmente pela organização que detém maior poder na rede, que controla a execução financeira desses mesmos projectos e lhe procura balizar as práticas. São de todo o modo estas práticas de intervenção o espaço de maior “liberdade” dos projectos, onde podem se “esquecer” e reinventar, ou não, os discursos que é suposto terem interiorizado e terem margem de criatividade para, no concreto das problemáticas, balizar as suas esferas de acção. A análise de conteúdos dos produtos produzidos pelos Projectos, a narração das suas experiências demonstra isso mesmo.

Gaventa faz uma análise muito pertinente do que se acabou de descrever:

*De facto, a tendência geral em direcção à democratização do conhecimento tem tido em paralelo outra tendência no sentido da abertura de novos espaços institucionais para a participação democrática, e por isso potencialmente para a expansão de oportunidades para as pessoas contribuírem com o seu conhecimento para o debate público. O estímulo de expansão da “esfera participatória” é muitas vezes contraditório, e nas*

*“democracias maduras” pode estar associado a um discurso politicamente correcto – não necessariamente nem a uma prática, nem a uma análise do sistema como um todo - e pode até constituir ferramenta de manipulação e de dominação. Seja por resultarem de projectos políticos de criar formas de democracia mais inclusivas e participativas ou simplesmente para fazer os governos mais receptivos para escorar a sua própria legitimidade, estes novos “espaços democráticos” abrem também oportunidades para uma variedade de métodos participativos serem trazidos ao processo de governança. No entanto, o simples facto de criar novos espaços de participação, ou novas arenas para que diversos conhecimentos possam ser partilhados, não significa per si mudanças nas desigualdades sociais ou nas relações de poder, mas em alguns casos podem torná-las mais visíveis. Apesar das novas retóricas de deliberação ou inclusão, “old ways” aprendidas em contextos como comités e reuniões públicas tendem a prevalecer (GAVENTA, 2004).*

Os movimentos sociais, numa outra óptica, integram também esta discussão no seu debate:

*Podem os dois tipos de instituições (Estado, grassroots) construir ferramentas comuns, estratégias para envolver cidadãos e cidadãs ou oferecer alternativas ao seu “inimigo” sob essa perspectiva de democracia radical? Quando ambas as redes, públicas e sociais interagem com o objectivo construir um mundo social e horizontal contra a globalização neoliberal, os resultados possíveis podem conduzir (ou não) a um melhor entendimento (WAINRIGHT, 2007: 39).*

Ambas estas referências sintetizam o paradoxo vivido por muitos movimentos sociais de equilibrar a importância da abertura de espaços de participação institucionais, as eventuais consequências dessas “institucionalizações”, e a distância entre o discurso e a prática existente nesses espaços.



Por outro lado, no caso da Marcha a análise das três dimensões do poder proposta por Foucault, evidenciam mais alguns aspectos destas diferenças: o discurso é produzido internamente, pelo colectivo, a dimensão institucional é fruto da relação das organizações que dela fazem parte, da relação da MMM com outras organizações, e as práticas são heterogéneas e autónomas no nível micro da rede. Os princípios orientadores, que regulam a participação na MMM, são também produzidos colectivamente. Daí a afirmar que não existem tensões ou relações de poder dentro do movimento seria incorrecto. Numa reunião podem observar-se protagonismos, silêncios, concertações nacionais. No entanto, o processo de decisão é colectivo, todas as organizações e países têm poder igualitário nesse processo de decisão e o consenso é uma prática, o que permite que o discurso, a dimensão institucional e as práticas sejam fruto de um processo de construção colectiva dos três níveis da rede que se pode afirmar como claramente mais democrático do que o existente no todo das redes EQUAL.

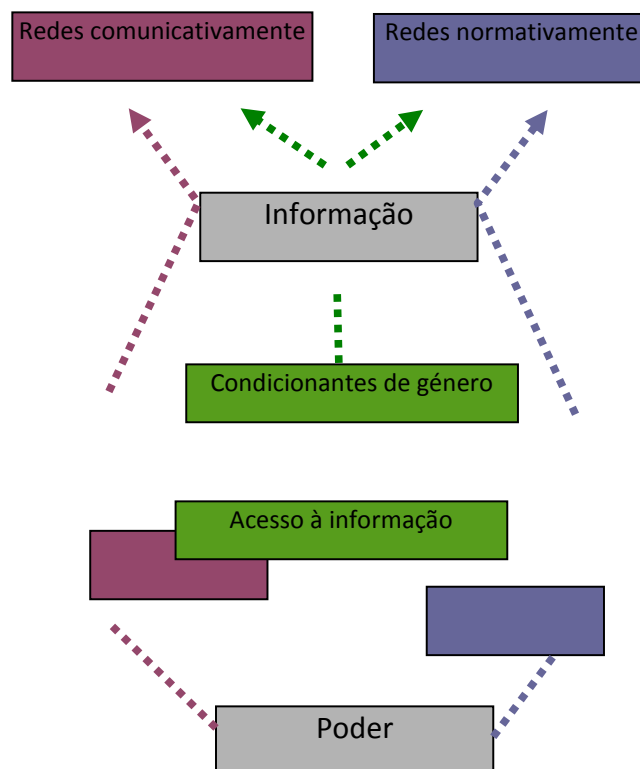
É este conjunto de referentes que permite a identificação da MMM como rede comunicativamente conseguida e do PIC EQUAL como rede normativamente assegurada, usando a terminologia proposta por Habermas<sup>4</sup>, e que nos parece particularmente adequada em termos conceptuais, como conceito síntese da dinâmica orgânico-funcional destes dois casos. Estas dinâmicas diversas nas relações de poder nas duas redes são consequentemente determinantes para o modo como se estruturam e desenvolvem os seus sistemas de informação e como reagem aos eixos críticos neles identificados.

Uma síntese final das relações entre poder e informação nestas redes pode ser apresentada assim:

---

<sup>4</sup> Contextos de acção normativamente assegurados e contextos de acção comunicativamente conseguidos, termos propostos por Habermas na sua análise à acção comunicativa.

**Diagrama 6. Formas de poder que afectam os Sistemas de Informação das redes MMM e EQUAL (Elaboração própria)**

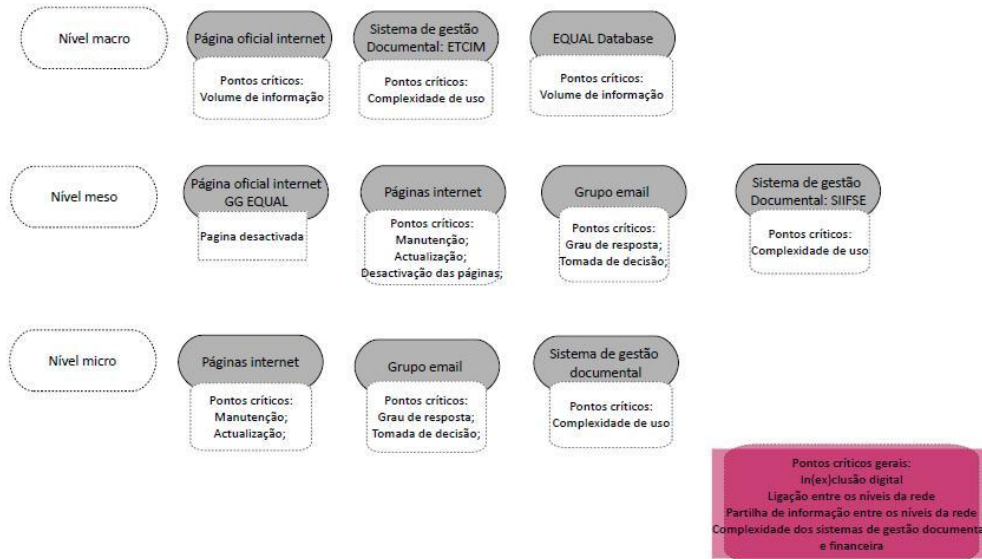


O que aqui se procura sintetizar são alguns dos contornos da relação entre poder e informação nestas redes, apresentando por um lado as dimensões das relações de poder no interior das redes – persuasivo na Marcha e autoritário na EQUAL - articulando-as com as relações estruturais de poder externas às redes que as afectam particularmente – o poder financeiro e patriarcal e as desigualdades de acesso à informação -, e como ambas, interna e externamente, marcam as relações entre poder e informação em redes comunicativamente conseguidas e normativamente asseguradas.

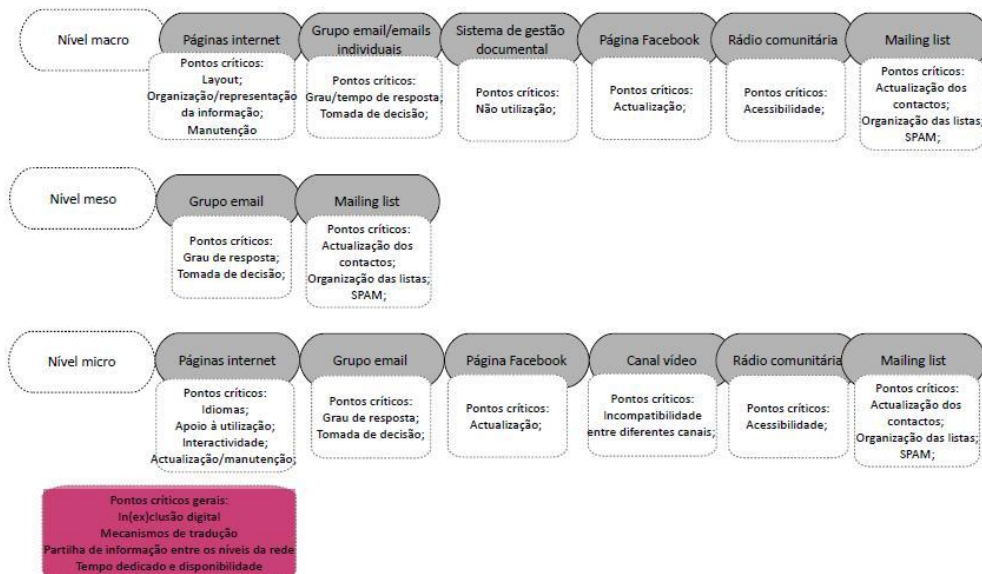
Vejamos agora os sistemas tecnológicos de informação dos dois casos:

## Diagrama 7. Síntese dos sistemas tecnológicos de informação dos casos (Elaboração própria)

Sistema tecnológico de informação. Programa de Iniciativa Comunitária EQUAL. Panorâmica geral.



Sistema tecnológico de informação. Marcha Mundial das Mulheres. Panorâmica geral.



As principais consequências destas diferentes orgânicas funcionais nos sistemas de informação prendem-se com as diferentes incidências de investimento nas fases dos ciclos de informação e consequentemente nos sistemas tecnológicos de informação dos dois casos. No caso EQUAL há um maior investimento nas fases de armazenamento e organização de informação e no caso Marcha Mundial das Mulheres nas fases de discussão e partilha de informação. Note-se também que o volume de tempo dispendido pelas pessoas que trabalham com estes projectos europeus em tarefas de gestão de informação é muito elevado e tal se deve, em parte significativa, aos aspectos de gestão administrativa e financeira a que os mesmos se vêm obrigados.

De facto, dado o seu elevado carácter burocrático – normativamente assegurado - o EQUAL, e os Programas europeus em geral, originam uma demanda muito exigente de produção de informação e documentação de cariz administrativo, e muitos técnicos e técnicas passam uma percentagem muito significativa do seu tempo a responder a estas exigências. A questão que se coloca a seguir é: se assim é, que tempo resta para o trabalho efectivo no terreno? É que tendo em conta a estrutura de poder existente nestas redes, os projectos não se podem dar ao luxo de falhar a estas exigências administrativas e financeiras, pois o risco é o de perderem (ou, em última análise, terem de devolver) as verbas que lhes foram atribuídas. Como consequência o tempo que se pode tornar escasso, comparativamente é aquele dedicado à acção no terreno. Não deixando de executar as actividades, investirem menos tempo nessa execução. Uma transformação destas características na rede passava por uma transformação, por um lado, no pendor burocrático da UE e por outro, por uma alteração das relações de poder nela existentes. O Sistema de Informação destas redes espelha isso mesmo: a sua dinâmica orgânico funcional, que é mista e tendencialmente horizontal no nível micro, mas vertical nos níveis meso e macro, uma forte presença de ferramentas administrativas de gestão documental e uma menor presença de ferramentas de divulgação ou de partilha de informação com o “público-alvo”, com o acréscimo de, findo o projecto, pelo menos as ferramentas de base internet terem na sua maioria desaparecido<sup>5</sup>. Há um peso acrescido, em termos do ciclo de gestão de informação, nas fases de recuperação, organização e armazenamento, associado a um comportamento

---

<sup>5</sup> Não apenas as dos projectos mas também as disponibilizadas pelos Gabinetes de Gestão nacionais.

informacional de forte resposta a demandas burocráticas, como a produção de relatórios ou de declarações mensais de despesa.

A Marcha Mundial das Mulheres, por seu lado, tem a possibilidade de “gerir” o tempo de acordo com as suas próprias definições e prioridades e põe constantemente em causa a candidatura a este tipo de financiamentos. De alguma forma, superam as suas dificuldades de tempo, recursos humanos e financeiros pela definição da sua própria agenda de acordo com as suas possibilidades e assim constroem a sua identidade enquanto movimento. Os custos desta opção são as dificuldades existentes para responder rapidamente a uma oportunidade política ou a um momento conflitual<sup>6</sup>, bem como a manutenção em qualidade da memória do movimento. O que se observa é que o STI desta rede tem um muito maior ênfase nas ferramentas de discussão e análise de informação – ferramentas eminentemente comunicativas – e na documentação de análise política para divulgação e partilha interna ou externa à rede. Tal facto é essencial para a manutenção da sua dinâmica comunicativamente conseguida.

#### **4. Partilha de informação entre os diferentes níveis da rede: Interpretação e tradução**

O eixo crítico aqui observado destes Sistemas de Informação deve-se às necessidades de interpretação e tradução que estas redes apresentam em todos os níveis, devidas às necessidades de partilha de informação em presença e à distância. Existindo necessidades de interpretação e/ou tradução nos níveis micro, meso e macro, estas tornam-se imprescindíveis entre diferentes níveis da rede. Estas redes de acção colectiva têm de integrar a tradução e interpretação como uma rotina organizacional. Ora isto representa um grande esforço em termos do sistema de informação.

---

<sup>6</sup> Ou mesmo de mobilizar rapidamente as redes emersas associadas ao movimento e que incluem não só as organizações aderentes como alguns sectores da população em geral

Este é um dos factores que determina o menor grau de partilha de informação que existe à medida que há uma deslocação do nível micro para o nível meso da rede, no caso da MMM, e das redes nacionais para as transnacionais no caso EQUAL. Como se pode observar na análise feita no capítulo anterior ao Sistema Tecnológico de Informação da MMM quando se compara o volume de informação partilhada no nível micro da rede – a coordenação portuguesa – e o nível meso – o Secretariado Europeu –, o volume neste segundo nível é bastante menor. Identificou-se o mesmo através das entrevistas feitas aos projectos EQUAL sobre as parcerias transnacionais. A necessidade de traduzir ou interpretar a informação para poder haver partilha é certamente um factor determinante para esta diminuição, no entanto, outras dimensões, como a distância física e eventuais diferenças culturais também para isso contribuem.

Babels é o nome da rede de intérpretes voluntários/as que surgiu a partir do Fórum Social Mundial precisamente para providenciar uma resposta para esta problemática nos movimentos sociais internacionais, pois Babels é este problema de comunicação. Inês Pereira faz uma síntese especialmente clara desta questão e das suas diferentes dimensões para os movimentos sociais:

*A tradução é um meio, uma ferramenta, eficaz para ampliar os movimentos, mas é também vista como um fim em si, no sentido em que a luta pela participação e contra a hegemonia cultural e linguística se integra nos princípios mais abrangentes dos movimentos sociais organizados em torno dos Fóruns Sociais. A rede de intérpretes é ainda complementada pelo já referenciado projecto Alis e por um sistema específico de hardware que permite substituir a complexa parafernália tecnológica requerida pelos fornecedores convencionais de tradução simultânea, por um conjunto de aparelhos de rádio vulgares e por computadores. Este aspecto é extraordinariamente significativo do ponto de vista dos custos envolvidos e da replicabilidade deste instrumento(... )A rede Babels e o sistema Alis constituem importantes adjuvantes no processo de comunicação do FSE e de outros eventos de convergência. No entanto, não é totalmente pacífica*

*que a tradução simultânea seja vista por todos como a melhor, ou mesmo a única, solução. No decorrer do trabalho de campo ouvi, por diversas vezes, sugerir que a tradução simultânea também padece dos seus problemas, não apenas pelas dificuldades técnicas inerentes e pela escassez de recursos humanos disponíveis, mas também por que, no processo de tradução, alguma coisa do significado original se perde. Muitas vezes, alguns activistas, principalmente os que dominam melhor algumas línguas estrangeiras como o inglês ou o francês, optam por escutar e falar nessas mesmas línguas, ao invés de usufruírem da tradução simultânea. Por outro lado, o processo de tradução torna-se também um processo contínuo de escolhas e de negociação (PEREIRA, 2010: 112).*

No decorrer deste projecto de investigação passamos pelas diversas situações referidas. Os primeiros momentos de observação participante foram precisamente enquanto intérprete, o que permitiu observar e compreender quer as enormes exigências deste trabalho - que exige um enorme grau de concentração-, quer as dificuldades que as questões de interpretação introduzem nas reuniões, quer depois, já participando enquanto activista optei na maioria das vezes por não utilizar a interpretação simultânea pois, mesmo com uma interpretação de boa qualidade há sempre alguma coisa que se perde do original.

A questão evidente aqui é que numa reunião com pessoas que dominam línguas diferentes, a interpretação é o elemento chave para uma boa possibilidade de comunicação e os problemas relacionados com a interpretação criam muitos momentos de "confusão", fadiga, dificuldades de comunicação, etc.

Às necessidades de interpretação somam-se as necessidades de tradução nestas redes. Estas são fundamentais quer para o processo de validação colectiva de informação à distância quer para a simples partilha de informação.

No caso da Marcha, esta fragilidade acentua-se no nível meso da rede, onde se concentram as maiores dificuldades de transição de informação entre níveis. As explicações são várias, desde a existência ou não de trabalho de nível regional, ao acréscimo de necessidades em

termos de tradução e interpretação ou à eventual visão micro-macro como os eixos centrais da rede ser partilhada por um número importante de activistas. No caso da EQUAL acentua-se no trabalho desenvolvido no interior das parcerias transnacionais. O que se observou foi que este eixo não está completamente resolvido no interior de nenhuma destas redes e que os sistemas de informação evidenciam fragilidade na transição entre os contextos nacionais e os transnacionais.

## 5. Referências Bibliográficas

---

AGUIAR, Diana – *Dilemmas of engagement: feminist networks and social change*. Rio de Janeiro, PUC – Rio, 2007

ARAUJO, Eliany Alvarenga de - *Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras*. Ci. Inf. [em linha]. 1999, vol.28, n.2 [cited 2010-08-24], pp. 155-167 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651999000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000200008&lng=en&nrm=iso)>.

BASKERVILLE, Richard – *Investigating information systems with action research*. Communications of AIS volume 2, article 19, s/d

BEAULIEU, Elsa - *Social movements, social change and transnationalization*. Texte présenté à l'atelier " Transnationalisation des solidarités et mouvements des femmes" Département de Science Politique Université de Montréal, 2006

BECK-GERNSHEIM [et al] – *Mujeres y transformaciones sociales*. San Gabriel: El Roure Editorial, 2001

BENTO, Almerinda [et al] – *Ser Feminista é outro mundo também!* Odivelas, UMAR, 2002

BORKO, Harold – *Information Science, what is it?* American Documentation. Washington, 1968

CASTELLS, MANUEL - *The Information Age – Economy, Society and Culture Volume 2: The power of identity*. Oxford: Blackwells, 2001

CEREGATTI, Alessandra [et al] – *Marcha Mundial de las Mujeres. 1998-2008. Una década de lucha internacional feminista*. São Paulo: SOF – Sempre Viva Organização Feminista, 2008



- CHOMSKY, Noam. *A manipulação dos media. Os efeitos extraordinários da propaganda*. Mem – Martins: Editorial Inquérito, 2007
- CHOO, Chun Wei, 2003 – *Gestão de Informação para a organização inteligente. A arte de explorar o meio ambiente*. Lisboa : Editorial Caminho (Das Bibliotecas e Informação). ISBN 972-21-1506-5
- COMISSÃO PARA a IGUALDADE DAS MULHERES – *Plataforma de acção de Pequim 2005. Iniciativas e acções futuras*. Lisboa: CIDM, 2001
- CRANG, Mike [et al] - *Virtual Geographies. Bodies, Space, and Relations*. London: Routledge, 1999
- CASTELLS, Manuel - *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005
- CUNHA, Teresa; SANTOS, Celina [et al] – *Nós de outras teias. Solidariedade feminista*. Coimbra, Mar da Palavras - Edições, 2005
- DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, Emílio, 2002 - *La investigación en biblioteconomía y documentación*. Gijón : Trea. ISBN 84-9704-041-4
- DONK, Wum van de [et al] – *Cyberprotest. New media, citizens and social movements*. London: Routledge, 2004
- DOWNING, John D. H. - *Radical media. Rebelious communication and social movements*. London: SAGE Publications, 2001.
- DUFOUR, Pascale. *Transnationalization of Solidarities without Political opportunity: The case of the World March of Women between 2000 and 2006*. Montreal: American Political Science Association, 2007
- ESCHLE, Catherine - *Rethinking Globalised resistance: Feminist activism and Critical Theorising in*
- FALGUERAS, Ernest Abadal, 2004 - *Gestión de proyectos en información y documentación*. Gijón : Trea. ISBN 84-9704-144-5
- FERNANDES, Judite – *International Social movements and networks. An Information Science approach*. 2009
- FRASER, Nancy - *O que é crítico na teoria crítica?: Habermas e género*. Lisboa: Revista Ex-Aequo, 2003
- GAVENTA, John - *Towards Participatory Governance: Assessing the Transformative Possibilities*. Londres: Zed Books, 2004
- GRAU, Elena [et al.]. *Le red en la encrucijada. Anuario de movimientos sociales 2005*. Barcelona: Icaria editorial, 2006

- GREEN, Lelia. *Communication, Technology and Society*. London: SAGE Publications, 2002
- GUAY, Lorraine – *The World March of Women: A Political Action to Transform the World*. Vancouver: Carold Institute, 2002
- HARDING, Sandra, *Ciência y Feminismo*, Madrid, Ediciones Morata, 1996
- HARDING, Sandra ed. [et al]. *The feminist Standpoint Theory Reader. Intellectual and political controversies*. London: Routledge, 2004
- HOLLWAY, Wendy [et al] – *doing qualitative research differently. free association, narrative and the interview method*. London: SAGE Publications, 2000
- KARAMARAE, Cheri [ed] – *Technology and women's voices*. London: Routledge, 1988
- LARAÑA, Enrique [ed] – *New social movements. From ideology to identity*. Philadelphia: Temple University Press, 1994
- LANDMAN, Maeve. *Getting quality in qualitative research: A short introduction to feminist methodology and methods*. [Em linha].[Consult. 12 Feb. 2010]. Disponível em <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=933024>
- LASH, Scott – *Critique of Information*. London: Sage Publications, 2002
- LEÓN, Victoria Sendón de – *Mujeres en la era global. Contra un patriarcado neoliberal*. Barcelona: Icaria, 2003
- LIRA, Waleska Silveira et al -*The seeking and use of information in the organizations*. Brasília: Perspectivas em Ciência da Informação, 2008
- LÓPEZ-CÓZAR, Emilio Delgado – *La investigación en biblioteconomía y documentación*. Gijón: ediciones Trea, 2002
- MACEDO, Ana Gabriela. *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005
- MAGALHÃES, Maria José. *Movimento feminista e Educação. Portugal, décadas de 70 e 80*. Oeiras: Celta Editora, 1998
- MARTELETO, Regina Maria – *Análise de redes sociais. Aplicação nos estudos de transferência de informação*. Brasília: Ciência da informação, v. 30, n. 1, 71-81, 2001
- MARTINS, Susana da Cruz - *Associações e Modos de Acção Colectiva no âmbito dos Novos Movimentos Sociais*, Lisboa: Tese de Mestrado, ISCTE, 2001.
- Marcha Mundial das Mulheres, 2008 - 1998-2008: *Una década de lucha internacional feminista*. São Paulo: SOF - Sempre Viva Organización Feminista. ISBN 978-85-86548-16-1

- MATTELART, Armand – *Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação*. Bahia: Conferência proferida no V Encontro Latino de Economia política da Informação, 2005.
- NEVES, Sofia e NOGUEIRA, Conceição - *Metodologias Feministas: A Reflexividade ao serviço da Investigação nas ciências Sociais*. Rio Grande do Sul: [Revista Reflexão e Crítica, vol 18, nº3], 2005
- NOBRE, Miriam [et al] – *Feminismo em movimento. Temas e processos organizativos da Marcha Mundial das Mulheres no Fórum Social Mundial*. Rio de Janeiro: Revista estudos Feministas, Jul/dez, vol 11, 2003 [Em linha].[Consult. 17 Nov. 2009]. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38111212.pdf>
- PEREIRA, Inês. *Movimentos em rede: biografias de envolvimento e contextos de interacção*. Lisboa, 2009
- de la PORTA, Donatella e DIANI, Mario – *Social movements. An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006
- PORTUGAL, Silvia - *Contributos para uma discussão de rede na teoria sociológica*. Coimbra: Oficina do CES nº 271, 2007
- RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro, 2004 – *A avaliação da informação: uma operação metodológica*. Páginas A&B: arquivos e bibliotecas. Lisboa: Gabinete de Estudos A&B. ISSN 0873-5670. 14, 7-37.
- SANTOS, Boaventura Sousa - *Globalização: Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 2001. ISBN 972-36-0569-4.
- SEMPERE, Maria Josep Cascant – *Teoria y práctica de la investigación Acción*. Valência: 2007
- SILVA, Armando Malheiro da [et.al.] – *Arquivística: Teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1998. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 4). ISBN 972-36-0483-3. vol. 1
- SILVA, Armando Malheiro da, 2006 - *Informação: Da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-0859-5.
- SILVEIRA, Henrique. *Gestão de informação em organizações virtuais: uma nova questão para a coordenação interorganizacional do sector público*. Brasília: Ciência da Informação, 2005
- SNOW, David A. ed. [et al.]. *The Blackwell Companion to social movements*. Oxford: Blackwell publishing, 2010
- TAVARES, Manuela [et al] – *Feminismos e Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o caso da MMM*. Coimbra: Centro de estudos Sociais, 2004

- TAVARES, Manuela [et al]. *O debate epistemológica nos estudos feministas*. Maia: Actas do Seminário Interdisciplinar Género e Ciências Sociais, 2009
- TAVARES, Manuela - *Movimentos de mulheres em Portugal. Décadas de 70 e 80*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000
- TAVARES, Manuela – *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. Tese de Doutoramento em Estudos sobre as Mulheres na Universidade Aberta. [Em linha]. [Consult. 12 Abr. 2009]. Disponível em <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>
- VALENTIM, Maria L. P. et al. - *Gestão de informação utilizando o método infomapping*. Brasília: Perspectivas em Ciência da Informação, 2008
- VENTURA, Maria da Graça A. Mateus [coord] – *O Associativismo. Das confrarias e irmandades aos movimentos sociais contemporâneos*. Lisboa: Edições Colibri, 2006
- WATERS, Malcolm – *Globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1999
- WAINRIGHT, Hillary [ed] – *Networked politics. Rethinking political organization in an age of movements and networks*. Amsterdam: Transnational Institute, 2007
- WEBSTER, Frank – *Theories of the information society*. London: Routledge, 1995
- WENGRAF, Tom – *Qualitative Research Interviewing. Biographic Narrative and Semi-Structures methods*. London: SAGE Publications, 2001
- WILSON-Grau, Ricardo and Martha Nunez – *Evaluating international social change networks: a conceptual framework for a participatory approach*. Development in practice, 2006